

PIONEIROS



Raimundo Manoel Santos

Na cabeça de candangos e presidentes

Arquivo pessoal



DEPOIS DO RIO E SALVADOR, RAIMUNDO SE FIXOU EM BRASÍLIA E SE DESENVOLVEU NA PROFISSÃO QUE ABRAÇOU DESDE A ADOLESCÊNCIA

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi no sertão baiano que o menino Raimundo cresceu e aprendeu a lidar com a tesoura e a navalha. Aos dez anos de idade, para ajudar o pai na fazenda onde morava, no município de Tucano (no nordeste da Bahia), ele já aparava a crina dos jegues e cortava a cabeleira de outras crianças da redondeza. "Com essa brincadeira eu fui longe", afirma Raimundo Manoel Santos. E foi mesmo com uma navalha, segundo ele, deixa os cabelos mais comportados, que o baiano conquistou a clientela dos grandes centros.

Aos 15 anos de idade, ele decidiu romper a cerca da fazenda em busca de trabalho e conquistar novos fregueses na cidade grande. O Rio de Janeiro foi o local escolhido. Mais precisamente no agitado centro político do país, atrás do Palácio do Catete, onde então funcionava a sede do governo brasileiro.

Foi por influência do compadre Carlito, que tinha acesso aos corredores do Palácio, que o cabeleireiro teve seus primeiros contatos com a gente da República. "Eu estava na calçada e ele me chamou: Raimundo, vem aqui. Vou te apresentar o presidente." O compadre de Raimundo trabalhava com Getúlio Vargas. "Mas como eu vou chegar aí perto com todas essas armas", afirmou Raimundo, re-

ceoso do forte esquema de segurança na entrada do prédio. Os olhos do retirante nordestino ficaram maravilhados com tudo aquilo, principalmente depois do que o amigo afirmara: "Aquele homem alto, ao lado de Getúlio,

será o próximo presidente da República", afirmou apontando para Juscelino Kubitschek.

Pouco tempo depois, Raimundo resolveu tentar a sorte em Salvador, onde se casou, se separando logo em seguida. A

vilhosa, o frio e a lama do cerrado assustaram o jovem de apenas 20 anos de idade.

Foi na mesma avenida, onde morava, que o cabeleireiro arrumou um jeito de ganhar a vida por aqui. No salão Cristal, ele

instabilidade o levou novamente para o Rio. A frustração do segundo casamento o fez abandonar de vez a cidade e tentar uma nova vida em Brasília. A data da mudança ele guardou viva na memória. Dia 13 de agosto de 1960.

Apesar da falta de estrutura, o salão vivia cheio. "Ele era muito pobrezinho, tinha cadeira, espelho, e ora poeira, ora lama, mas tinha dia que cortava de 20 a 30 cabelos." Eram operários que aproveitavam a folga para tirar a poeira da barba, outros que ajeitavam o cabelo para o final de semana. Mesmo com toda a poeira, a brillantina não saía da cabeça dos mais vaidosos. "Era para se garantir o cabelo."

Com a navalha na mão e o cajinho no trato com os fregueses, ele ganhou a simpatia dos candangos. "Nunca mais ninguém vai colocar a mão no meu cabelo, senão o senhor", diziam alguns de seus clientes.

Aos poucos, o cabeleireiro conquistou a confiança das autoridades e ganhou o Palácio Alvorada. Primo em primeiro grau de Juscelino, o deputado Carlos Murilo era quem ligava para o salão a pedido do próprio presidente para que Raimundo fosse até lá cortar o cabelo de JK.

PIONEIROS

A intenção de mudar de vida, depois da segunda separação, fez com que o baiano viesse para Brasília. Aqui, trabalhou na Cidade Livre e no Plano Piloto

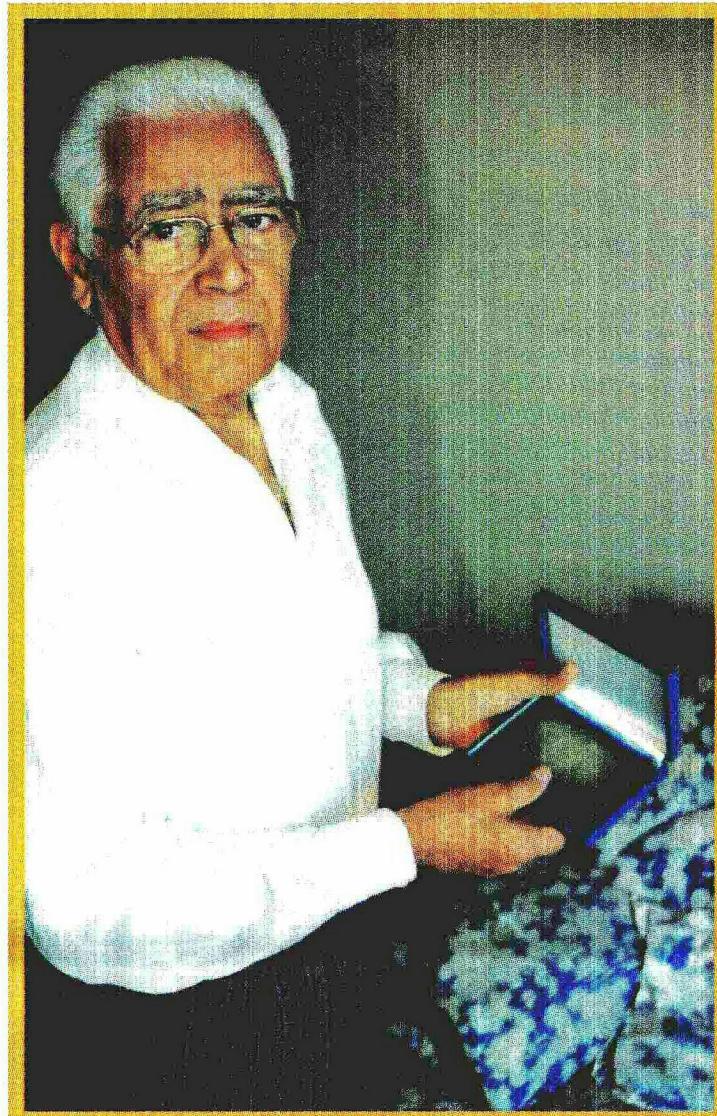
**BARBEIRO DE VÁRIOS
PRESIDENTES,
RAIMUNDO SÓ
LAMENTA QUE
MUITOS DELES
DEIXARAM A CIDADE**

“Ele era vaidoso”, lembra. “Era o homem mais vaidoso que já conheci. Gostava do cabelo bem penteadinho e cortava com uma frequência curta de tempo.” A vaidade fazia com que ele tirasse em público o pente do bolso para ajeitar os cabelos. No início, o pioneiro deixava como cortesia. Com o passar do tempo passou a cobrar pelo serviço. O assunto dele entre uma tesourada e outra era a construção de Brasília. “Aqui será a capital do futuro”, dizia.

Raimundo ainda guarda com carinho lembranças daqueles tempos, quando freqüentava o salão de beleza do palácio para fazer a barba e o cabelo de Juscelino. Guarda também um cheque de 500 cruzeiros que recebeu das mãos do presidente. “Ganhei do presidente um par de sapatos, daqueles tipo africano, de cadarço. Como era apertado e ele tinha o hábito de tirá-los em reuniões, tratou logo de desfazer-se deles”, lembra o pioneiro, que ainda usou por mais de oito anos. “Quando os sapatos já estavam quase furando, resolvi vender para um amigo por quinhentos reais”, conta. “Mas, para ele, os sapatos também ficavam grandes, parecendo sapatos de palhaço. O presidente calçava dois números a mais que eu.”

Além do cheque, o cabeleireiro também guardava o pente, uma tesourinha torta importada da França — ganhou de presente de um cliente — e a tinta de cor castanho-escura que costumava usar no cabelo de Juscelino, mas resolveu doá-los para o Memorial JK.

O último dia que ele atendeu o presidente jamais foi esquecido. Foi em sua fazenda, próxima a Luziânia, no dia 18 de agosto



de 1976. Quando chegou, ele estava na varanda tomando um cafezinho. “Nessa época havia um boato de que tinha morrido e eu garantia que não. Como, se o vi ontem de manhã”, lembra que dizia. “Quatro dias depois ele morreu.”

Para o candango, Brasília só se tornou realidade porque tinha à frente um grande homem como JK. “Jamais outra mulher vai parir um outro Juscelino. Igual a ele não”, garante o amigo.

Clientela fina

Com o passar do tempo, o pioneiro mudou de endereço. A rua da Igrejinha (308 Sul) atraía os mais vaidosos até o salão do sr. Raimundo. “O salão não ficava vazio de jeito nenhum.” A freguesia que antes usava calça e bota

no joelho naquele momento já vestia terno e gravata. Ali a clientela era mais fina, ao contrário da Cidade Livre, onde era tudo misturado e uma sujeira braba”, compara. “Lá, a poeira era tanta que cegava a navalha.”

Clientes ilustres como José Sarney, Jânio Quadros, João Goulart e ministros costumavam freqüentar o endereço. Após um ano e meio de trabalho, o pioneiro resolveu trabalhar por conta própria e abrir um salão no Edifício Maristela, no Setor Comercial Sul. Os freqüentadores aumentavam cada vez mais. Em pouco tempo expandiu os negócios. Abriu mais dois salões no Plano Piloto.

A tesoura de Raimundo também fez a cabeça do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e

**“
A GENTE DORMIA
COM O MATO AO
LADO E
ACORDAVA COM
UM BARRACO OU
UM BURACO DE
CISTERNA. AQUI
NINGUÉM
BRINCAVA, NÃO.
FOI ASSIM
DURANTE UNS
CINCO ANOS
DIRETOS. ERA SÓ
TRABALHO”**

de Lula. “Cortei o cabelo do FHC como senador, ministro e depois como presidente”. A amizade entre os dois se estende até hoje. “Outro dia liguei pra ele e perguntei: Então, quando o senhor vem a Brasília? Ele brincou: deixa a poeira assentar”.

A única decepção do pioneiro é a mudança dos amigos. Muitos de seus clientes hoje estão fora do país. Nos Estados Unidos ou em alguma embaixada pelo mundo afora.

Para manter viva a memória dos bons tempos ele pensa em colocar na parede do salão Dom Raimundo — como ele é chamado — um quadro com o cheque que recebeu do presidente Juscelino e uma foto dele (JK) segurando um chapéu no meio do cerrado.

Raio X

Nome: Raimundo Manoel Santos
Idade: 71 anos
Origem: Tucano, Bahia
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Cabeleireiro
Estado civil: divorciado
Filhos: Jorge Luiz e Luciana
Netos: José Luiz e Marcela